

**Apontamentos da intervenção de Davide Proserpi  
durante a Diaconia da Região Lombardia  
Milão, 31 de março de 2026**

**Francesco Cassese.** À luz do que surgiu na última Diaconia da Região Lombardia de 10 de março, gostaria agora de propor que déssemos juntos mais um passo, que não só sintetize as descobertas e as observações que já fizemos, como relance o nosso caminho comum, para além das fronteiras da Lombardia. Com este objetivo, gostaria de fazer algumas perguntas ao Davide. Começo pelo último período, desde que saiu o manifesto da Companhia das Obras, relativo ao referendo sobre a divisão das carreiras dos magistrados, que o Movimento tornou seu e propôs a todos. Daí nasceu, como vimos, um “movimento” de pessoas, com muitos momentos de encontro e diálogo não só na Lombardia, mas também em muitas partes da Itália. Surgiram, por parte de alguns, também pedidos para poder perceber melhor o que está em jogo nesta escolha do Movimento. E, paradoxalmente, digo eu, o facto de ter prevalecido uma posição diferente da indicada ajuda-nos a aprofundar com mais liberdade o motivo da proposta.

Pergunto-te, então, Davide: o que é que estava em jogo para nós, para “cada um” de nós e para “nós” em conjunto, na tentativa realizada de formular um juízo comum, público, sobre uma questão de interesse civil e político? Nos termos da experiência cristã que partilhamos, qual era e qual é o alcance desta tentativa?

**Davide Proserpi.** A pergunta é muito oportuna e eu gostaria, antes de tudo, que nós – que estamos aqui porque fomos chamados a uma responsabilidade no Movimento – nos ajudássemos a perceber a dimensão da tentativa que realizamos, porque ela contém um passo de consciência da originalidade do Movimento, da «natureza específica do carisma de Comunhão e Libertação», que *don Giussani* sintetiza nos três pontos inseridos no prólogo dos Estatutos da Fraternidade, que vos convido a retomar.<sup>1</sup> É uma posição nada óbvia, no panorama das experiências eclesiais. Precisamente por isso, gostaria primeiro de observar que o que aconteceu com o caso do referendo não representa um episódio circunstancial ou arbitrário – isto é, uma situação que poderia ter sido enfrentada indiferentemente de um modo ou de outro, sem implicar algo que pertence à nossa experiência –, mas constitui para nós um tijolo da contínua construção do sujeito CL...

O que estamos a fazer é aquilo que os dois últimos pontífices nos recomendaram repetidamente (de modo significativo, o Papa Leão XIV fez a mesma recomendação também aos Focolares, que recebeu recentemente): este tempo é-nos dado também para redescobrir os elementos essenciais do nosso carisma, distinguindo entre o que é necessário reter e é, de certa maneira, atemporal, e o que, pelo contrário, está ligado a uma determinada circunstância histórica e não diz respeito aos fundamentos da nossa identidade na Igreja. E gostaria também que não nos escapasse o facto de que esta tentativa se insere no percurso iniciado com a intervenção na assembleia da Associação Italiana dos Centros Culturais de 2024.<sup>2</sup> Portanto, a nossa insistência não é acidental – ligada à sensibilidade de uma pessoa –, mas nasce de uma preocupação educativa, para uma integralidade da nossa experiência.

Nas páginas do livro da Equipe do CLU, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, que publicamos no site, Giussani indicava duas das posições possíveis no contexto das experiências eclesiais. A primeira, que se refere aos organizadores do congresso de 1976 *Evangelização e promoção humana* e ainda hoje muito presente, é «definida por uma separação profunda entre fé e vida concreta, vida terrena. A fé diz respeito a um resultado escatológico», que pertence ao além da história; no aquém ela é «uma questão absolutamente pessoal e subjetiva». O ideal, segundo esta conceção, é um cristianismo que, «do ponto de vista cultural, social e político, não se vê, não deve ser visto [...]». O cristianismo está presente na consciência dos que acreditam». No âmbito histórico, «deve viver numa diáspora anónima» (cada um se move por conta própria). A fé pode expressar-se no fenómeno do voluntariado, na assistência aos últimos, mas «a cultura, a vida social em todas as suas estruturas

---

<sup>1</sup> L. Giussani, *A obra do Movimento. A Fraternidade de Comunhão e Libertação*, 2019, p. 241.

<sup>2</sup> D. Proserpi, “Cultura: ser por Cristo”, *clonline.org/pt*, 05/06/2024.

(incluindo a família) e a vida política não têm nada a ver com a fé»,<sup>3</sup> a ligação é, no máximo, indireta como apoio aos valores comuns.

Muito bem, alguns católicos têm esta concepção, diz Giussani, mas nós temos outra, que tem, como a primeira, o direito de existir. «Para nós, porém...»: bem, é preciso prestar atenção a este “porém”, que exprime o ponto que aqui nos interessa perceber; «Para nós, porém, o facto de Deus se ter feito homem abrange a totalidade do humano, do sujeito humano. O Batismo é um novo nascimento, diz o Evangelho, é o nascimento de um homem novo. [...] Se o meu sujeito é renovado pelo impacto com Cristo no Batismo, porque faço parte do mistério do Seu corpo, não posso deixar de ter outra visão, ou seja, não posso deixar de ter uma visão das coisas, um sentimento da realidade e uma ação sobre a realidade que, de alguma forma, tem de ser diferente».<sup>4</sup>

Cristo como presença aqui e agora muda a nossa forma de conceber e de tratar tudo, portanto também escolhas contingentes (como o referendo, precisamente): não podemos deixar de ter uma visão e uma atuação de algum modo diferentes também no campo do opinável; aliás, permito-me dizer, é *precisamente* no campo do opinável que se vê melhor a diversidade! Então, em vez de «diáspora anónima» – em que cada um toma posição com base nas perspetivas interpretativas e nas análises que prefere –, há «uma identidade pessoal clara que se documenta e se sustenta na identidade clara da unidade». Sim, porque – sublinha Giussani – «Cristo entra no mundo unindo os homens a quem ressuscita no Batismo. E esta unidade é o início do mundo novo».<sup>5</sup> A expressão desta unidade é, por isso, o ponto mais sensível do testemunho de Cristo no mundo.

De resto, desculpem, não foi exatamente isso o que nos fascinou quando encontrámos as pessoas ou as realidades do Movimento? Não um cristianismo da separação entre a fé e a vida, mas um cristianismo integral, que tem a ver com a história, com as exigências e com os problemas da vida e da sociedade. Pelas referências que vocês costumam fazer às vossas histórias pessoais, vemos que não poucos entre nós consideravam o cristianismo como uma opção já descartada, um legado dos seus pais ou da sua infância, e depois depararam-se com pessoas que tinham uma forma nova, mais humana, mais verdadeira, de tratar o estudo, as relações, de entrar nos problemas, de estarem juntos, de ajuizar as coisas a todos os níveis, de intervir na sociedade, de maneira que ficaram atraídos e, a certa altura, se perguntaram: «Mas quem são estes aqui, o que é que há por trás deles?». E foi uma surpresa ouvir a resposta deles: «É Cristo que age entre nós, a diferença que se vê vem daí».

Foi uma novidade de vida, cheia de promessa e de proposta – cujo ápice é «*a unidade, sensivelmente expressa, dos cristãos*»<sup>6</sup> no ambiente –, o que nos atraiu e que dá testemunho de Cristo no mundo. Estamos no Movimento por causa disso! Que espetáculo foi para mim, em janeiro, participar no New York Encounter, ou ver nestes meses quantas pessoas movimentou a exposição sobre a paz, realizada pelos Liceus, que está a circular por muitas escolas (inclusive no estrangeiro). São apenas dois exemplos de um cristianismo reconhecido e vivido como Facto presente, como acontecimento que reveste todos os aspetos da vida, que se revela numa identidade pessoal clara e numa comunhão visível e propositiva na sociedade. Esta é exatamente a experiência vivida pelos primeiros *giessini* nos anos cinquenta, como o próprio Giussani contou em diversas ocasiões.<sup>7</sup>

Permitam-me que vos leia, a este propósito, um artigo seu de 1955: «Está muito difundida a ideia de que “basta dar bom exemplo”. Mas o cristão isolado ou acaba por se retirar [...] ou, com o tempo, absorve o veneno do ambiente, quase sem se aperceber». Por isso, insiste Giussani, «precisamos de estar “*juntos*” [...]. Esta possibilidade é um talento a explorar. Muitos a negligenciam: ou são passivos, derrotistas, ou não percebem que é um dever no sentido estrito da palavra. Talvez nunca tenham meditado suficientemente naquilo que Jesus rezou na Última Ceia: “Peço-te, ó Pai, que sejam

<sup>3</sup> L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, Milão: BUR, 2010, pp. 421-422. Disponível em: “Da fé, uma presença no mundo: uma contribuição de Dom Giussani”, *clonline.org/pt*, 25/03/2026.

<sup>4</sup> *Ibidem*, pp. 422-423.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 423.

<sup>6</sup> L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, Tenacitas, Coimbra 2007, p. 118.

<sup>7</sup> Cf. L. Giussani, *Il movimento di Comunione e Liberazione (1954-1986). Conversazioni con Robi Ronza*, Milão: BUR, 2014, pp. 9-58. Cf. também L. Giussani, “Appartenenza alla dimora come movimento verso l'unità della vita”, *Litterae Communionis-Tracce*, n. 1/1997, pp. I-IV.

uma coisa só, *para que o mundo creia que tu me enviaste*”. O movimento da *Gioventù Studentesca* fundamenta toda a sua vida na necessidade desta união». <sup>8</sup>

São palavras de 1955 – estamos no “ano um” da nossa história! – que antecipam aquilo que depois seria continuamente aprofundado nos anos seguintes. Na resposta dada na Equipe do CLU em 1987, Giussani reitera, de facto, que o objetivo do nosso movimento, da nossa vida, é o testemunho de Cristo: «É o estabelecimento do Reino de Cristo no mundo, que é a Igreja [...]; a nossa paixão é pela afirmação da Igreja como corpo social, como humanidade já inicialmente, ainda que timidamente, despertada, como humanidade despertada e a caminho». E acrescenta: «Nós queremos a unidade dos católicos para que a Igreja, isto é, o Reino de Cristo esteja cada vez mais presente e seja cada vez mais incisivo na sociedade». <sup>9</sup> Ajuizamos o que acontece, tomamos posição – também pública – por isso.

**Cassese.** Gostaria de aprofundar este teu último ponto, que tens proposto nos últimos tempos com particular insistência. Já na última Diaconia disseste, por exemplo, que o Movimento é um “sujeito”, que se move na história e é identificável como uma presença unitária. A unidade é, em suma, a paixão maior que temos, como também recordavas agora em *don* Giussani: se somos uma coisa só, se com o Batismo – que se torna atuante num encontro – Cristo nos constitui como um só («Todos sois um só em Cristo Jesus», diz São Paulo), <sup>10</sup> não podemos deixar de tender a um juízo e a uma ação comuns. No entanto, nem mesmo estas coisas são óbvias, principalmente no contexto atual, na cultura que respiramos, e muitas vezes são lidas por nós, em primeiro lugar, de modo disciplinar, como se se tratasse de nivelar-se, de limitar-se. Qual é a raiz desta insistência? E qual é a conveniência para nós?

**Prosperi.** Em primeiro lugar, é crucial esclarecer um ponto: a insistência não é minha, é de Giussani. Tínhamos pensado propor, no final do nosso diálogo, a audição de uma intervenção sua, mas talvez seja mais conveniente ouvi-la já, porque as coisas que diz, pela sua clareza, são de grande ajuda para responder à tua pergunta. Trata-se de um excerto da intervenção num curso de atualização para professores de religião organizado pelo Gabinete de Catequese do Patriarcado de Veneza a 12 de setembro de 1975, na presença do então Patriarca Albino Luciani, futuro Papa João Paulo I. Dura cinco minutos. Trata-se de um inédito que tivemos permissão de utilizar esta noite enquanto o processo da causa de beatificação ainda está em curso.

### **De uma intervenção de Luigi Giussani (Veneza, 12 de setembro de 1975)**

*Transcrição da gravação reproduzida durante a Diaconia Regional da Lombardia de 31 de março de 2026 e conservada no Arquivo da Fraternidade de Comunhão e Libertação em Milão*

#### **Luigi Giussani**

Se somos um só e estamos todos a agir num determinado âmbito, o ideal – sem o qual, sem o realizarmos, a dor é grande, é um castigo de Deus – é, tendencialmente, que sejamos concordes (como dizia na semana passada a primeira oração da Missa); que sejamos concordes, isto é, que enfrentemos o problema juntos. Não porque não se possa enfrentar o problema sozinho: no meu estudo enfrento o problema sozinho, mas a comunhão é uma dimensão minha também no estudo. Por exemplo – digo aos alunos –, uma pessoa pensa: «O que diria a autoridade da Igreja? O que disse o meu bispo no último discurso? O que disse o Papa na quarta-feira passada? O que diria a minha comunidade? Como reagiria?», e eu realizo verdadeiramente uma gênese de comunhão de juízo mesmo sozinho. A

<sup>8</sup> L. Giussani, “Nella Scuola sii lievito e non polvere”, *Le nostre battaglie*, n. 20/21/1955, p. 3. O artigo começa com estas palavras: “Há, antes de tudo, uma comparação no Evangelho: ‘O Reino dos céus é semelhante a um punhado de fermento que a mulher da casa coloca na massa de farinha, até que tudo fermente’. Este é o primeiro conceito que nos anima: na escola x [...] o fermento do Reino de Deus deveria ser dado com precisão matemática pelos estudantes cristãos convictos. [...] Fermentar com Cristo a massa inerte, ou distraída e estranha, entre a qual se vive, isso não é *um* dever; – isso é *o* dever. Estudar ou trabalhar ou ser amigos ou divertir-se – tudo é meio: o fim é servir a Cristo no mundo”.

<sup>9</sup> L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, op. cit., pp. 255-256.

<sup>10</sup> Gal 3,28.

comunhão é uma dimensão da pessoa – não é uma agregação de pessoas –, que tende a expressar-se como agregação, isto é, como assembleia. Por isso, idealmente, é precisamente o enfrentar tudo no seio da comunhão; por isso – primeira lei – é, tendencialmente, o sinal da unidade a paixão maior que se deve ter, porque, caso contrário, nós realmente fazemos mal ao corpo de Cristo, que é o fator em que se encontra o significado e a consistência de tudo, inclusive da história. Perdoem-me: *A evangelização do mundo contemporâneo*, Secretaria-Geral do Sínodo: «Desde o Concílio Vaticano, Cristo Senhor é apresentado como Aquele no qual aparece em plena luz o Mistério do homem (*Gaudium et spes*, 22) e no qual os homens alcançam sua plena maturidade e liberdade humanas». Não estão fora da Igreja, quer dizer: a Igreja é esta. Eventualmente, corre-se o risco de estar fora se se “menorizam” estas coisas. «Na nova forma que o mundo está a assumir é preciso que Cristo esteja presente com a Sua paixão e ressurreição: Cristo como princípio de vida eterna, à qual todos somos chamados, como Aquele que dá significado à história» – não ao além – «como modelo do homem novo, isto é, como fundamento da esperança de todos os homens. Esta presença salvífica de Cristo realiza-se através da mediação da Igreja. De facto, Deus quer que os homens se salvem na unidade do povo de Deus e através da obra deste povo». Não sei: serei ingénuo, mas prefiro correr o risco da ingenuidade traduzindo literalmente, o mais possível literalmente, do que aderir a qualquer outra sabedoria que seria humana, contra a qual, na minha opinião, seria bom ler o primeiro e o segundo capítulo da *Primeira Epístola aos Coríntios*. Portanto: tendencialmente unidos como génese de juízo e como ação, sacrificando o mais possível a nossa opinião; a nossa opinião deve ser sacrificada, não é a unidade que deve ser sacrificada. Mas se, no fim – segunda coisa que digo aos alunos –, numa tentativa apaixonada de nos expressarmos em concórdia, de ajuizar e de nos expressarmos em concórdia, em consciência uma pessoa realmente não consegue estar de acordo, então, com dor – e rezando todos ao Senhor para que amanhã tire esta coisa má de entre nós –, deve agir segundo a sua consciência; mas só chegando a este ponto. É tudo uma questão de um mais ou de um menos? É uma questão de um homem novo, de um sujeito novo.

**Prosperi.** Ouvir estas palavras aprofunda em mim, como penso que acontece com cada um de nós, o desejo de um modo mais consciente, mais decidido e mais inteiro de estarmos «juntos». A nossa urgência, a nossa maior paixão é a de enfrentar tudo – como ouvimos na gravação – «no seio da comunhão», estar «tendencialmente unidos como génese de juízo e como ação». E a razão é uma só: tornar presente Cristo e a Igreja, Seu corpo. É por isso que, como ouvimos, o critério que Giussani sempre sublinhou é o de partir verificando a proposta que nasce da unidade da experiência cristã. Como veem, não há nenhuma intenção “corporativa” neste critério, nem muito menos um projeto hegemónico, político ou cultural que seja.

Atenção, o conteúdo da intervenção que ouvimos não é um *hàpax*, uma coisa que ocorre uma única vez no ensinamento de Giussani, mas é uma constante, uma dimensão constitutiva e distintiva do seu carisma, da sua proposta, e por isso, da experiência do Movimento. A citação com que conclui a primeira resposta pertence a um texto de 1955, um ano depois do início da *GS*. Nos primeiros livrinhos do Movimento, publicados entre 1959 e 1964, é contínuo o apelo à unidade sensível, visível, dos cristãos no ambiente, ao «desejo de a exprimir de forma sensível e de difundir socialmente» a nossa unidade em Cristo «como o maior bem para a ordem do mundo e como caminho para a felicidade dos homens». <sup>11</sup> A mesma proposta é expressa também nos anos seguintes, como lemos no excerto da Equipe de 1987. E ainda, numa entrevista dos anos noventa, ouvem-se ecoar quase as mesmas palavras da gravação: «É tão simples: Cristo, com o batismo, assume-te, para assim sermos membros uns dos outros. É uma coisa do outro mundo, mas é esta a unidade cristã. Se somos todos uma só coisa, é impossível não nos expressarmos em concordância, e por isso nos reunimos numa ação unitária. Se houver alguém a quem não lhe apeteça, ou se não houver condições, será um desgosto não conseguir fazê-lo, e não um direito a apregoar!» <sup>12</sup>

<sup>11</sup> L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, op. cit., p. 118-119.

<sup>12</sup> R. Farina, “Un evento. Per questo ci odiano”, entrevista com don Luigi Giussani, *Il Sabato*, 25 de abril, n. 17/1992, pp. 14-15, e em L. Giussani, *O eu, o poder, as obras: Contribuição de uma experiência*, Lucerna, Cascais 2019, p. 229.

Nós tendemos à unidade em tudo porque somos um só em Cristo Jesus. E o objetivo desta busca de unidade encontra-se na oração que Jesus dirige ao Pai antes de enfrentar a cruz: «Que todos sejam um só, para que o mundo creia».<sup>13</sup> Por isso, Giussani identificava o nascimento do Movimento com aquele momento em que os quatro jovens do Liceu Berchet, que ele tinha encontrado e provocado alguns dias antes, «se apresentaram na assembleia e falaram, começando com estas palavras: “Nós, católicos...”. Desse momento em diante, naquela escola [...] já não houve assunto mais inflamado do que Igreja e cristianismo».<sup>14</sup> Pois bem, este é o objetivo: que “Igreja e cristianismo” estejam presentes onde estivermos como o acontecimento de Cristo agora.

E então percebe-se por que razão *don* Giussani, no prólogo dos primeiros Estatutos da Fraternidade, quis ligar a definição da natureza específica do carisma de CL à memória de Cristo vivida na comunhão: «a memória de Cristo só pode ser gerada pertencendo-se na imanência de uma experiência de comunhão; [...] a memória de Cristo tende, inevitavelmente, a gerar uma comunhão visível e propositiva na sociedade».<sup>15</sup> É a experiência original do Movimento que é indicada nestas frases e é por isso que, nos novos Estatutos recém-aprovados, esta definição não foi retocada em nada.

**Cassese.** Queria fazer-te uma terceira e última pergunta. Na referida assembleia com os universitários de 1987, Giussani usa uma expressão forte: «Abençoado aquele que segue». É claro, de facto, que o que ouvimos na gravação de Giussani e que sempre o ouvimos dizer, como tu nos mostraste em linhas gerais, traz à cena uma dimensão fundamental: o seguir, o seguimento. Pergunto-te: qual é a relação entre seguimento e liberdade – liberdade pessoal, liberdade de consciência? Porque é que a obediência à qual a Igreja chama os seus fiéis não é obstáculo à plena expressão da liberdade pessoal? Também isto me parece um ponto importante para nós, que merece ser aprofundado.

**Proserpi.** «Seguir» é uma palavra que hoje pode soar especialmente incómoda, indigesta, para o contexto em que vivemos. Por um lado, estamos submetidos, pelos meios de comunicação e pelo mercado, a uma tremenda homogeneização de pensamentos e comportamentos; por outro, paradoxalmente, precisamente pela natureza desses meios e pelas possibilidades de consumo que nos são concedidas, temos a impressão de poder finalmente dizer o que pensamos, de nos fazer valer, de ser originais: temos dificuldade em perceber que estamos, na verdade, mais padronizados do que nunca (denunciam-no também vários sociólogos contemporâneos, como Zygmunt Bauman e Byung-Chul Han, para mencionar alguns nomes).<sup>16</sup>

Ora, o seguimento que a Igreja propõe não tem nada a ver com um abandono passivo e irracional, acrítico, com a renúncia à própria personalidade. Giussani afirma-o em variadíssimas ocasiões. Já em 1964 escrevia: «Não há verdadeiro *seguimento* se não houver um empenhamento da inteligência e da liberdade. Assim: seguir não é um comportamento, inconsciente. O seguir deve ser um esforço cordial de identificação com os motivos daquilo que nos é proposto, de compreensão dos valores implícitos nas sugestões que nos são oferecidas. É seguindo com os olhos bem abertos e com viva atenção que se percebe e se aprende, ou seja, se cresce no espírito; seguir não é ser levado por uma corrente, mas sim uma decisão minha, é um gesto contínuo da minha liberdade».<sup>17</sup> São palavras inequívocas: não sugerem de modo algum uma receção passiva, mas um envolvimento consciente e afetivo com a proposta que nos é dirigida.

Seguimento e liberdade, portanto, não estão em margens opostas, pelo contrário: seguir é o ato que, mais do que qualquer outro, exige o exercício da inteligência e da liberdade. E o seguir não só implica, como exalta a liberdade, isto é, a capacidade e a responsabilidade de nos realizarmos. Quantas vezes

---

<sup>13</sup> Cf. Jo 17,21.

<sup>14</sup> L. Giussani, *Il movimento di Comunione e Liberazione (1954-1986)*, op. cit., p. 22.

<sup>15</sup> L. Giussani, *A obra do Movimento. A Fraternidade de Comunhão e Libertação*, op. cit., p. 241.

<sup>16</sup> Cf. por exemplo Z. Bauman, *Consumo, dunque sono*, Roma-Bari: Laterza, 2007; B.-C. Han, *Psicopolítica: Il neoliberalismo e le nuove technique del potere*. Nottetempo, Milão 2016.

<sup>17</sup> L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, op. cit., p. 149.

não ouvimos repetir a frase de Jesus: «Quem me segue terá a vida eterna e o cêntuplo nesta vida»!<sup>18</sup> Mas o que significa seguir Cristo para nós, hoje? Significa seguir a realidade através da qual Cristo prolonga a Sua presença na história, isto é, a Igreja e o seu magistério, significa seguir o Movimento, que é o que nos introduziu e nos introduz pedagogicamente no seguimento da Igreja. Giussani define-o sinteticamente, em analogia com a própria Igreja, como uma «companhia guiada para o destino».<sup>19</sup> A proposta que esta companhia guiada nos dirige é feita de conteúdos fundamentais, de gestos educativos, de pontos de referência estabelecidos, de exemplos e de momentos de vida indicados, mas também de juízos, de tomadas de posição sobre os factos e sobre as situações contingentes. Claro, nem tudo é igual e tem o mesmo valor. Um juízo ou uma tomada de posição que – sobre temas decisivos, importantes, nos quais está em jogo o bem da pessoa e o bem comum – o Movimento como tal decide tornar público ou assumir são um modo, um instrumento contingente e provisório da tensão permanente a enfrentarmos o problema juntos, a nos expressarmos de modo concorde. Nesse sentido, então, esse juízo e essa posição pertencem, ainda que na sua provisoriedade e contingência, à proposta que o Movimento faz. Não são, evidentemente, equiparáveis a uma diretiva do Magistério da Igreja (não têm nenhuma infalibilidade nem nenhum carácter vinculativo-normativo) e tampouco aos textos da Escola de Comunidade; no entanto, é justamente a respeito desses juízos e tomadas de posição – extremo limite de uma proposta que entra nas situações da história – que Giussani, falando aos responsáveis dos universitários, afirma: «Nunca – nunca! – erramos ao manter a fidelidade, a atenção e o seguimento da nossa história e da realidade que a guia. Colocar acima desta fidelidade o apego a um pensamento nosso, ou a uma opinião nossa, é sempre falível. [...] Aderir à unidade acima da nossa opinião é sempre construtivo».<sup>20</sup> No fundo, se pensarmos bem, a novidade da posição de *don* Giussani reside em ter sublinhado a tensão de estarmos «unidos como génese de juízo e como ação», a adesão à unidade, também em relação às situações históricas, diante das problemáticas culturais, sociais e políticas, porque nas questões dogmáticas ou doutrinais, sobre as quais o Magistério da Igreja intervém, a adesão e a unidade nem deveriam sequer estar em discussão, deveriam ser óbvias. Mas então – perguntemo-nos – aderir à unidade significa ausência de posição interrogativa ou crítica? Não, de modo algum. Aderir, seguir, não significa «renunciar a uma coisa que se vê com clareza, mas adotar como hipótese de trabalho aquela que nos é indicada». Se a minha opinião, o que vejo, tiver alguma coisa de verdade, mais cedo ou mais tarde abrirá caminho na comunidade, será levado em conta por quem guia: é impossível que não o seja, diz Giussani, «porque nós queremos a verdade e nada mais, queremos Cristo, não queremos as nossas ideias».<sup>21</sup> Nós queremos dar testemunho de Cristo presente no sinal da unidade, queremos construir a Igreja, por isso estamos prontos a corrigir-nos amanhã se alguma coisa que dissemos hoje ou uma iniciativa que tivemos ontem tiver de ser revista e corrigida. Da minha parte, isto é, de quem recebe a proposta, se sigo, se adiro à unidade, com toda a minha inteligência e liberdade, ainda que vendo outra coisa, é porque quero afirmar um valor maior do que a minha opinião, isto é, aquela realidade na qual reconheci presente o significado da minha vida e do mundo.

Volto então à tua pergunta: por que razão é que a obediência à qual a Igreja chama os seus fiéis não é obstáculo à plena expressão da liberdade pessoal ou de consciência? Gostaria de citar, a este propósito, um texto de Ratzinger sobre Newman (no qual se aborda a questão da autoridade do Papa na sua relação com a liberdade de consciência): «O “nós” da Igreja não se fundava na eliminação da consciência, mas podia desenvolver-se unicamente a partir da consciência. Contudo, precisamente porque Newman explicava a existência do homem a partir da consciência, isto é, na relação entre Deus e a alma, era também claro que este personalismo não representava cedência alguma ao individualismo, e que o vínculo à consciência não significava concessão alguma à arbitrariedade tratava-se antes precisamente do contrário». O implícito também é importante: explicar o homem a partir da consciência significa explicá-lo a partir da “relação entre Deus e a alma”. A consciência não

<sup>18</sup> Cf. Mt 19,28-29.

<sup>19</sup> Cf. entre outros L. Giussani, *A obra do Movimento. A Fraternidade de Comunhão e Libertação*, op. cit., *passim*.

<sup>20</sup> L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, op. cit., pp. 424-425.

<sup>21</sup> *Ibidem*, pp. 425-426.

é o último refúgio da solidão e do arbítrio, mas relação originária. Assim, algumas linhas depois, Ratzinger observa: «este caminho da consciência é muito diferente do caminho da subjetividade que se afirma a si mesma: ao contrário, é um caminho de obediência à verdade objetiva».<sup>22</sup>

As frases de Ratzinger estão em consonância com aquilo que Giussani diz em *A consciência religiosa no homem moderno*. É uma afirmação que muitos de vocês conhecem: «Para a cultura moderna, a consciência é o lugar onde se formam critério e diretiva da ação; é a fonte autónoma da norma ética. Para a tradição cristã, a consciência é o lugar onde a liberdade do eu escuta a Voz de um Outro, o lugar onde emerge a objetividade de uma ordem dada a partir daquele algo que está além de si, à qual obedecer. Que diferença abissal existe na expressão “eu sigo a minha consciência” entendida como lugar objetivo da obediência ou como o lugar da última interpretação subjetiva!»<sup>23</sup>

Aqui está o ponto: consciência e obediência não entram em conflito, o problema é a conceção de consciência que se tem. Não há contradição, se se esclarece o significado da consciência, entre a obediência a Outro com “O” maiúsculo – um Outro que se fez carne e habita no meio de nós, dentro de um sinal – e a consciência pessoal, antes: a obediência verdadeira valoriza e completa a consciência, aquilo a que ela tende.

Por isso Giussani diz, referindo-se à mentalidade em que estamos imersos: «Há mais um critério que é ultrajado, mesmo assim é tão humano: a obediência. É o critério supremo da ação cristã. O critério da verdade está, em última instância, fora de nós – e isso enfurece os inimigos do cristianismo –. Sim: obedecemos! Isso tira-nos da mercê do poder que ocupa e dirige as consciências iludindo-as da sua autonomia, as quais, porém, acreditando ser livres, obedecem a homens. A obediência cristã mergulha no mistério».<sup>24</sup>

Ninguém nos obriga a seguir. Se o fazemos, não só quando entra em cena o Magistério da Igreja, mas também diante das indicações que nos são oferecidas pela nossa companhia sobre as questões da história, é porque reconhecemos o valor de nos expressarmos e de agirmos juntos (tendemos à unidade em tudo porque somos um só em Cristo Jesus), partilhamos o seu objetivo (tornar presente Cristo e a Igreja, para o bem de todos os nossos irmãos homens), e reconhecemos que seguir nos realiza. Esta é a nossa experiência (digo-o começando por mim): aderindo à companhia guiada na qual nos envolvemos, crescemos sempre, na fé e como humanidade, ficamos mais alegres e não perdemos nada, inclusive quando pudemos dizer: «Eu tinha visto melhor». Em suma, temos razões para aderir, para aceitar expressar-nos de modo concorde mesmo quando não estamos de acordo – permanecendo válido o que Giussani disse no fim do texto que ouvimos –. Pois bem, queremos ajudar-nos a caminhar juntos com razão e com liberdade, por amor da nossa liberdade, para que ela se realize, e por amor de Cristo, para que Ele seja conhecido. Permitam-me dizê-lo com as palavras de Dante:

«Sai da mão d’Aquele que a contempla  
antes que exista, à laia de menina  
que chorando e rindo brinca,  
a alma simples que nada sabe,  
exceto que, movida por ledo Feitor,  
com gosto volta ao que a diverte.  
Do pequeno bem logo sente o sabor;  
e aqui se engana, e atrás dele corre,  
se freio ou guia não dobrarem o seu amor».<sup>25</sup>

A liberdade, querida, criada e protegida por Deus na sua plenitude, para se cumprir precisa da graça de Cristo, da Sua presença, que se serve do instrumento – tão frágil, contingente e, mesmo assim, para nós tão providencial – da nossa companhia. Continuemos, pois, o nosso caminho juntos, mesmo

<sup>22</sup> J. Ratzinger, *Discurso por ocasião do centenário da morte do Card. John Henry Newman*, Roma, 28 de abril de 1990.

<sup>23</sup> L. Giussani, *O sentido de Deus e o homem moderno*, Diel, Lisboa 1997, p. 103.

<sup>24</sup> L. Giussani, *Un caffè in compagnia*, op. cit., p. 127.

<sup>25</sup> Dante Alighieri, *Divina Comédia, Purgatório*, Canto XVI, vv. 85-93.

com todas as objeções e dificuldades que possamos ter, com a máxima disponibilidade para nos corrigirmos mutuamente.